

O riso na filosofia da criação de Nietzsche

Laughter in Nietzsche's Creation Philosophy

Rosa Dias*

Resumo: Trata-se de investigar as passagens em que Nietzsche fala do riso e da alegria, sobretudo na sua forma de “gai ciência”, como enfrentamento trágico da seriedade metafísica.

Palavras-chave: Riso; *gai saber*; seriedade.

Abstract: It is a question of investigating the passages in which Nietzsche speaks of laughter and joy, especially in his form of “gay science”, as a tragic confrontation of metaphysical seriousness.

Keywords: Laughter; *gai saber*; seriousness.

Recebido em: 11/05/2019 – *Received in: 05/11/2019*

Aprovado em: 30/07/2019 – *Approved in: 07/30/2019*

Trataremos um aspecto da filosofia do riso de Nietzsche, ou seja, a tese de que na filosofia da criação do filósofo o riso tem uma função corretiva e libertadora, evidenciando que ele trabalha o riso como expressão relacionada à vida, como mecanismo de censura aos que negam a vida ou, ainda, como gesto que possibilita a criação de uma vida transvalorada, expressão que lhe é cara.

Partiremos da afirmação de Nietzsche, em “Tentativa de Autocrítica” de 1886, de que “é preciso aprender a arte do consolo *desse lado de cá* – vós deveríeis aprender a rir, meus jovens amigos, [...] talvez, em consequência disso, como ridentes mandeis um dia ao diabo toda a ‘consoladora’ metafísica – e a metafísica, em primeiro lugar!”¹ Tendo esta perspectiva de análise, incidiremos nosso olhar na crítica que ele faz à tradição do pensamento metafísico, adotando a estratégia de explicitar o estreito vínculo entre filosofia e arte.

Será importante lembrar que já em *O nascimento da tragédia* nos deparamos com uma definição do cômico em seu sentido liberador. No parágrafo 7, Nietzsche define o cômico como “descarga horrível da náusea do absurdo”, em resposta à

* Professora titular do Departamento de Filosofia da UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: r.maria.dias@gmail.com

¹ Nietzsche, F., “Tentativa de Autocrítica”, em *O nascimento da tragédia*, §7, p.23.

afirmação de Sileno quando perguntado: “qual dentre as coisas era a melhor e preferível para o homem?” Sileno cala-se e, com um riso amarelo, responde: “O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer”.²

Também no contexto da crítica antimetafísica de *Humano, demasiado humano*, encontramos um riso liberador no parágrafo 213. Nesse aforismo, Nietzsche escreve que o riso “nos liberta momentaneamente, da coerção do necessário, do apropriado e experimentado, que costumamos ver como nossos senhores implacáveis, brincamos e rimos quando o inesperado (que geralmente amedronta e inquieta) se desencadeia sem prejudicar”. Assim, nesse trecho vemos que o riso liberta o indivíduo da coerção do necessário, do que o atinge inesperadamente, mas que ocorre sem prejudicá-lo.

No aforismo 169, que faz parte também do capítulo “Da alma dos artistas e escritores”, intitulado “Origem do cômico”, o filósofo acrescenta ao que apresentou no aforismo 213, que acabamos de ver, outro aspecto sobre o riso:

Quando se considera que por centenas de milhares de anos o homem foi um animal extremamente sujeito ao temor, e que qualquer coisa repentina ou inesperada o fazia preparar-se para a luta, e talvez para a morte, e que mesmo depois, nas relações sociais, toda a segurança repousava sobre o esperado, sobre o tradicional no pensar e no agir, então não se deve se surpreender que, diante de tudo o que seja repentino e inesperado em palavras e ação, quando sobrevém sem perigo ou dano, o homem se desafogue e passe ao oposto do temor: o ser encolhido e trêmulo de medo se ergue e se expande – o homem ri. A isso, a essa passagem da angústia momentânea à alegria efêmera, chamamos de *cômico*.

Assim, em *Humano, demasiado humano*, o riso está vinculado ao espírito livre e é, em realidade, a resposta de Nietzsche à seriedade da metafísica da arte como ele tinha desenvolvido em *O nascimento da tragédia*. O lugar que o gênio ocupava em sua estética anterior é substituído pelo espírito livre, uma figura mais representativa de sua nova consciência crítica e ilustrada. O riso se apresenta como um recurso simbólico dentro de uma concepção antimetafísica do mundo e se vincula ao projeto de superação da metafísica e de realização de uma interpretação da existência puramente intramundana.

Ainda nesse livro, encontramos Nietzsche afirmando que a origem da metafísica é atribuída a uma má compreensão do sonho. Escreve: “Nas épocas de cultura tosca e primordial o homem acreditava conhecer no sonho um *segundo mundo real*; eis a

² Ibidem, §3. p. 36.

origem de toda metafísica. Sem o sonho, não teríamos achado motivo para uma divisão do mundo”.³

Assim sendo, com a atenção voltada para a explicitação do riso como corretivo à filosofia metafísica, que divide o mundo em dois e privilegia um *arrière monde* –, um “trás mundo”, nos deteremos em *A gaia ciência*. De que modo o riso, nesse livro, cumpre o projeto da arte do consolo intramundano como elemento de redenção e de justificação da existência intramundana? Nietzsche aponta que é preciso ordenar os filósofos de acordo com seus risos, principalmente, os capazes da “gargalhada de ouro”. Escreve:

Eu chegaria mesmo a fazer uma hierarquia dos filósofos conforme a qualidade de seu riso, colocando no topo, aqueles capazes da *risada de ouro*. E supondo que também os deuses filosofem, como algumas deduções já me fizeram crer, não duvido que eles também saibam rir de maneira nova e sobre-humana – à custa de todas as coisas sérias! Os deuses gostam de gracejos: parece que mesmo em cerimônias religiosas não deixam de rir.

Para ele, o verdadeiro preconceito seria ligar sempre o pensamento a um assunto sério:

O intelecto é, na grande maioria das pessoas, uma máquina pesada, escura e rangente, difícil de pôr em movimento; chamam de “levar a coisa a sério”, quando trabalham e querem pensar bem com essa máquina – oh, como lhes deve ser incômodo o pensar bem! A graciosa besta humana perde o bom humor, ao que parece, toda vez que pensa bem; ela fica “séria”! E, “onde há riso e alegria, o pensamento nada vale”: – assim diz o preconceito dessa besta séria contra toda “gaia ciência”. – muito bem! Mostremos que é um preconceito!⁴

Não são poucos os aforismos em que podemos observar Nietzsche articulando seu pensamento, fazendo referência à seriedade. É interessante lembrar que, no prefácio de *O nascimento da tragédia*, encontramos o termo “seriedade” e suas variações oito vezes em apenas duas páginas. Nesse texto, ele chama a atenção dos leitores “para algo de sério e urgente” que tem a dizer, “um problema seriamente alemão”, que diz respeito à “seriedade da existência” e ao fato de “estar convencido de que a arte é a tarefa suprema e a atividade propriamente metafísica desta vida”.

A questão que podemos colocar é: como ficam essas afirmações do filósofo diante da crítica que, em *A Gaia Ciência*, faz à seriedade dos filósofos? Uma primeira resposta se encontra em um fragmento póstumo em que assim escreve: “Parece que

³ *Humano, demasiado humano*, I, § 5, p.18.

⁴ *A gaia Ciência*, § 327, p.217.

somos alegres porque somos monstruosamente tristes. Nós somos sérios, nós conhecemos o abismo: é por isso que evitamos a seriedade”.⁵

Rosana Suarez lembra que, em *Para além bem e mal*, Nietzsche recomenda “o riso como amuleto contra as paixões tristes, contra a excessiva seriedade”⁶ que encontra entre os seus contemporâneos e mostra o seu empenho em definir os contornos de uma filosofia da alegria, contra a sisudez e o dogmatismo. Nietzsche escreve:

Em quase toda a Europa de hoje, há uma doentia sensibilidade e suscetibilidade para a dor, assim como um irritante destempero no lamento, um embrandecimento que se adorna de religião e trastes filosóficos para parecer coisa elevada – há um verdadeiro culto do sofrer [...]. Essa espécie novíssima de mau gosto deve ser proscrita de modo enérgico e radical; e, por fim, quero desejar que se ostente contra isso, em volta do pescoço e junto do coração, o bom amuleto do “gai saber”, para que os alemães entendam.⁷

Acrescento uma segunda possibilidade de responder à questão, dessa vez encontrada no prefácio de *Crepúsculo dos Ídolos*: “É preciso”, escreve o filósofo: “sacudir de si uma seriedade pesada que se tornou pesada em demasia”.⁸ Sacudir, é desse modo que a crítica nietzschiana pretende liberar um riso longamente represado, diante da metafísica que desvaloriza corpo, a terra, o mundo sensível, em função de valores transcendentais. Sim, é preciso dizer coisas sérias rindo, e mostrar o mundo humano numa perspectiva tragicômica. Os filósofos metafísicos são reprovados pela veia cômica de Nietzsche. Ele chega a censurá-los por seu “egípcianismo”, ou seja, pelo impulso de mumificar em conceitos rígidos a multiplicidade de eventos que ocorrem no mundo.

Em *Ecce Homo*, ele se refere a *Crepúsculo dos Ídolos* nos seguintes termos: “Esse escrito, que não chega a 150 páginas, fatal e alegre no tom, um *daimon* ri. [...] Não conheço outro modo de lidar com grandes tarefas senão o *jogo*: este é, como indício de grandeza, um pressuposto essencial. A menor constrição, o ar sombrio, um tom duro na garganta são objeções a um homem, mais ainda à sua obra!... Não é lícito ter nervos...”⁹. Como antídoto a tudo isso, Nietzsche recomenda a jovialidade, a gaia ciência.

⁵ KSA 12, p.7. Fragmento póstumo 2 [33] de outubro 1885- outubro 1886.

⁶ Suarez, R. *Nietzsche comediante, a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche*, p.21.

⁷ Nietzsche, F. *Além do bem e do mal*, §293.

⁸ *Crepúsculo dos ídolos*, Prólogo, p.7.

⁹ *Ecce homo*, por que sou tão inteligente, § 10, p. 51.

A mim, diz ele, me parece, muito ao contrário, que não existem coisas que mais *compensem* serem levadas a sério; sua recompensa consiste, por exemplo, em que talvez se possa um dia levá-la na *brincadeira*, na jovialidade. Pois a jovialidade, ou para dizer com a minha linguagem, *a gaia ciência*, é uma recompensa: um pagamento por uma longa, valente, laboriosa e subterrânea seriedade, uma tal que, admito, não é para todos. No dia, porém, em que com todo o coração dissermos: “avante! Também a nossa velha moral é coisa de *comédia*!” – teremos descoberto novas intrigas e possibilidades para o drama dionisiaco do “Destino da Alma”; e ele saberá utilizá-las, disso podemos ter certeza, ele, o grande, velho, eterno-poeta comediógrafo da nossa existência!...¹⁰

E assim ele pode ainda dizer: “É quem hoje ri melhor também ri por último”.¹¹ É sob a ótica do riso, da comédia que Nietzsche, ao dizer que nunca ataca pessoas – que se serve delas com uma forte lente de aumento com que pode tornar visível algo que está dissimulado, pouco palpável,¹² que ataca todos os filósofos dogmáticos que moralizaram a existência. Apresenta Kant como o grande chinês de Königsberg,¹³ espécie de mandarim que habita o palácio da razão, Schopenhauer como o cavaleiro de Dürer, com um cadavérico aroma, pois lhe faltava a esperança embora quisesse a verdade,¹⁴ Sócrates como filósofo dialético, como “um palhaço que se fez levar a sério”.¹⁵

Não resta dúvida de que a crítica de Nietzsche à filosofia é irreverente, mas ela tem um sentido de cura, de busca de um caminho. É desse modo que compreendemos o aforismo 446 de *Aurora*, intitulado “Hierarquia”:

Existem, em primeiro lugar, pensadores superficiais, em segundo, pensadores profundos – aqueles que vão ao fundo de algo –, em terceiro, pensadores radicais, que vão à raiz de algo – o que tem muito mais valor do que ir apenas ao fundo! –, e, por fim, aqueles que enfiam a cabeça no pântano: o que não deveria ser sinal de profundidade nem de radicalidade! Estes são os nossos caros do subsolo.

Este “ser subterrâneo”, que perfura, que escava, que solapa, “que avança cautelosamente, suavemente implacável, sem muito revelar da aflição causada pela demorada privação de luz e ar e que está contente com o seu obscuro labor”¹⁶ é o próprio Nietzsche, que sabe que também terá sua própria aurora. Assim, para aqueles que lhe perguntam o que procura lá embaixo revela:

¹⁰ *Genealogia da moral*, prefácio 7, p.15.

¹¹ *Crepúsculo dos Ídolos*. “Máximas e flechas”, §43.

¹² *Ecce Homo*, “Por que sou tão sábio”, §7, p.31.

¹³ *Além do bem e do Mal*, § 210.

¹⁴ *Ibidem*, §20.

¹⁵ *Crepúsculo dos Ídolos*, O problema de Sócrates, §5.

¹⁶ *Aurora*, Prólogo, §1.

Empreendi algo que pode não ser para qualquer um: desci à profundidade, penetrei no alicerce, comecei a investigar e escavar a velha *confiança*, sobre a qual nós, filósofos, há alguns milênios construíamos, como se fora o mais seguro fundamento – e sempre de novo, embora todo edifício desmoronasse até hoje: eu me pus a solapar nossa *confiança na moral*. Estão me compreendendo?¹⁷

Desse modo, temos alguns tipos de pensadores, os simplesmente superficiais, os profundos, que se submergem no fundo de uma coisa, os radicais, que pensam ao fundo uma coisa e, os que se afundam em um pântano porque são pesados demais. O círculo se encerra com os subterrâneos que vão ao fundo para denunciar todas as relações que configuram a metafísica e a moral.

O riso, então, adquire seu valor, apresenta-se com sua função corretora, que se exerce para demonstrar que não há nenhuma relação entre o ser e sua aparência. Tal relação, que aparecia como significativa e com sentido, é uma falsificação, um nada. O conflito entre os dois mundos que articulam metafisicamente a realidade aparece agora como conflito cômico.

Em para Além do bem e do mal, de 1886, realizado no mesmo ano de “Tentativa de Autocrítica”, em sua primeira seção, intitulada “Dos preconceitos dos filósofos”, Nietzsche critica o niilismo moderno e sua grade de oposições metafísicas, ensaiando um riso corretivo à filosofia e aos filósofos que projetam um mundo para fora do mundo com valores para fora da vida – filósofos, autômatos sem corpo e com a alma suspensa por um fio, que sofrem com a perda do corpo e da vida.

Com a abolição do consolo metafísico, expressão da arte trágica, não há mais a esperança em um mais além, não há como fundamentar um mundo vazio de sentido e de valor – só como artista o homem pode reorganizar a natureza e criar uma ordem nova. Não existe já nenhuma instância consoladora, a metafísica, que a sustentava, é algo ilusório, ficção pura.

Assim, o riso se afirma, agora, como o sinal de uma filosofia criadora. O espírito livre não se contenta com a mera crítica destrutiva dos ideais transcendentais, inerentes à metafísica e à moral. Diz sim ao sofrimento inerente à vida e se entrega às tensões e contradições do devir desse lado de cá. O riso nos liberta do sofrimento, mas, ao mesmo tempo, expressa esse mesmo sofrimento. “O homem é o único ser que ri. Ele é o único

¹⁷ Ibidem, §2.

ser que sofre tão profundamente que teve de inventar o riso. O animal mais desgraçado e mais melancólico é exatamente o mais alegre”.¹⁸

O riso alcança na filosofia da arte do consolo intramundano sua expressão em *Assim falou Zaratustra*, o mestre que ensina a rir para tornar o homem mais leve, mais alegre e disposto a superar a si mesmo.

Através da arte de rir, é possível desterrar para sempre qualquer tipo de consolação metafísica que ofereça a arte trágica, para além de toda a aparência. O riso como vocação liberadora, expressão da afirmação máxima da existência, disposição afirmadora do mais além do bem e do mal e forma implícita do *amor fati*. Ele recoloca o homem na imanência, tirando-o da transcendência das ideias – a verdade, o bem e o belo – nesse sentido, é um riso liberador. Libera-o, sobretudo, do racionalismo socrático-platônico, que visa a um racionalismo suprassensível em detrimento do sensível, assim como o libera da moral cristã, que também o desata de seu próprio corpo. Nietzsche, desse modo, concede ao riso um valor estético fundamental, que se associa a uma nova fisiologia da arte, gerada, paralelamente, a uma transvaloração dos valores.

Um aspecto fundamental ainda a ser tratado é enfatizar o sentido liberador do riso em *Assim falou Zaratustra*, estabelecer que a superação do homem, no ímpeto de chegar ao além-do-homem, requer uma condição prévia: a afirmação do eterno retorno e a superação do asco na forma absurda de um eterno devir sempre igual. Isso é o que ensina Zaratustra em “Da visão e do enigma”. O encontro do homem com a ideia do eterno retorno se encena na parábola do pastor que aparece estendido no solo, desesperado, gritando com uma serpente negra e pesada que se introduzira em sua boca. Zaratustra tenta puxar a serpente, mas não consegue arrancá-la da boca do pastor. Grita, então, para que ele morda a cabeça do réptil. O pastor, então, morde-a tal como Zaratustra o aconselhou, depois disso, um riso fenomenal sai de sua boca. Zaratustra, então, relata aos marinheiros que nunca tinha visto ninguém rir como ria aquele pastor: “Não mais pastor, não mais homem – transformado, um iluminado que *ria*! Jamais, na terra, um homem rira como ele ria!”¹⁹

Um riso inédito sobre a terra: o da liberdade. A transformação do riso em seu sentido positivo, liberador de todo “trás mundo” e do ressentimento contra o tempo e seu “foi assim”. Talvez, “a gargalhada de ouro do filósofo”.

¹⁸ KSA, 11, p.571, fragmento póstumo 36 [49].

¹⁹ *Assim falou Zaratustra*, Da visão do enigma, p.152.

Porém, atento, ainda, ao sentido estético do riso, na terceira dissertação da *Genealogia da Moral*, Nietzsche nos coloca mais uma vez diante de um riso corretivo, que pretende corrigir o desvio metafísico-religioso e moral da arte. Critica Wagner por ter se tornado adepto do cristianismo. Em 1887, Nietzsche ainda reiterava a mesma opinião que expressara quando recebeu pela primeira vez o libreto de *Parsifal*. Para ele, essa obra continuava a ser nada mais que um ensandecido ódio ao conhecimento, ao espírito e à sensualidade, uma maldição aos sentidos e ao espírito, uma volta aos ideais cristãos, mórbidos e obscurantistas. E até mesmo uma negação e um cancelamento de si, por parte do artista que, com todo o poder de sua vontade, até então, perseguira o oposto, a mais alta espiritualização e a sensualização da arte. E não apenas da arte, mas também de sua vida.

Em *Genealogia da moral* e em *Nietzsche contra Wagner*, o filósofo afirma que gostaria de ter visto Wagner, tal como os gregos trágicos, terminar sua obra com um drama satírico, com uma brincadeira, ou com uma paródia do trágico. Desse modo, Wagner poderia, como um grande artista, chegar ao cume de sua grandeza e rir de si mesmo – ver a si mesmo e a sua arte com certo distanciamento. *Parsifal* seria, assim, o seu secreto riso de superioridade sobre si mesmo, sobre sua conquistada liberdade de artista. Todavia, o contrário é o verdadeiro. “Esse *Parsifal*, declara Nietzsche, foi a sério. É uma obra ruim. É uma obra da perfídia, da baixa vingança, que envenena em segredo as fontes da vida. Pregar a castidade é ir contra a natureza”.²⁰ *Parsifal* é um “ultraje aos costumes” e projeta, de alguma forma, uma sombra sobre a arte anterior de Wagner.

Já em uma carta de 19 de fevereiro de 1883, Nietzsche tem por objetivo atacar esse Wagner envelhecido, mas esse projeto só ganha forma com *O caso Wagner* e *Nietzsche contra Wagner*. Nesses livros de Turim, realiza o que Wagner não conseguiu para sua obra: um drama satírico. Nessas obras, aparece um Nietzsche que faz do riso um instrumento para pôr em ridículo todo o esquema de pensamento que divide o mundo em dois e desvaloriza o mundo terreno.

Em *O caso Wagner* e em *Nietzsche contra Wagner*, nosso filósofo arma o palco e encena Nietzsche-Dioniso contra Wagner-Parsifal. A epígrafe que emoldura *O caso Wagner*, *Ridendo dicere severum* (Rindo dizer coisas graves), serve como *leitmotiv* para os dois textos.

²⁰ *Genealogia da Moral*, III, § 2.

Essa figura de Dioniso não é mais aquela saída da crisálida da filosofia de Schopenhauer, não é mais um Sileno, nem um sábio budista que dissuade de viver – é agora um sátiro grego que saiu de uma opereta moderna. É o gênio do coração, maldoso e sarcástico, que não tem nenhuma razão para esconder a nudez. Santifica a ação e o destino humanos e representa o homem em sua existência tangível. Beatifica o riso, que libera o homem do ressentimento e da necessidade metafísica.

Nietzsche-Dioniso, com uma palheta na mão, traça caricaturas de Wagner com o intuito de provocar riso, um riso alciônico, maldoso e cruel. Nietzsche exagera os traços de Wagner-Parsifal e põe em cena as suas diversas caricaturas: a do “Cagliostro da modernidade”,²¹ a do “*histrion*, o maior mímico”²²; a do velho mago – “Esse Klingsor de todos os Klingsors”²³, a do “velho Minotauro”²⁴, que carrega as belas jovens e os rapazes para o labirinto para devorá-los, enquanto faz toda a Europa entoar a canção: “para Creta! para Creta!”;²⁵ “a dos teutões! [*Germanen*] [...] Definição do teutão: obediente e de pernas longas”;²⁶ “a da *Rainha de Sabá*”²⁷; “a do mestre do passe hipnótico – mesmo os mais fortes ele derruba como touros”²⁸ e a do próprio Wagner, que carrega uma lente de aumento, que deixa tudo ficar grande, inclusive ele mesmo – “Que astuta cascavel!”.²⁹

Assim, nosso filósofo, lançando mão da máscara de Aristófanes, fazendo uso do papel corretivo do riso, narra, em *O caso Wagner* e em *Nietzsche contra Wagner*, a história de um erro que põe em perigo a vida do homem na terra e ensina a “arte do consolo do aqui debaixo”, que manda para o diabo toda a metafísica consolativa.

²¹ *O Caso Wagner*, § 5, p. 19.

²² *Ibidem* § 8, p.25.

²³ *Ibidem*, Pós-escrito, p. 37.

²⁴ *Ibidem*, Pós-escrito, p. 38.

²⁵ *Ibidem*, Pós-escrito, p. 38.

²⁶ *Ibidem*, § 11, p. 32.

²⁷ *Ibidem*, Segundo pós-escrito, p. 42.

²⁸ *Ibidem*, § 5, p. 19.

²⁹ *Ibidem*, § 3, p. 14.

Referências bibliográficas

CHAVES, Ernani, “O trágico, o cômico e a distância artística: arte e conhecimento em *A gaia ciência* de Nietzsche”. Belo Horizonte: *Kriterion*, v. XLVI, p.273 -282.

CRAGNOLINI, Monica, “De la risa dissolvente a la risa constructiva: una indagacion nietzschiana”, in *Nietzsche actual e inactual*. Buenos Aires: Oficina de Publicaciones, 1996, Vol. 2, p.99 a 122.

FERRAZ, Maria Cristina, *Nietzsche, O Bufão dos deuses*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

MACHADO, Roberto, *Zaratustra Tragédia Nietzschiana*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Edição crítica organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. 15 vols. Berlim/ Nova York: Walter de Gruyter, 1988

_____. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Organizada por Giorgio Colli e Mazino Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1975/1984, 8v.

_____. *O nascimento da tragédia*. Trad. J. Guinsburg, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Humano, demasiado humano II*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Aurora*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A gaia ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Genealogia da Moral*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *O caso Wagner e Nietzsche contra Wagner*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Fragmentos Póstumos, 1887-1889*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

PHILONENKO, Alexis. *Nietzsche. Le rire et le tragique*. Paris: Librairie Générale Française, 1995.

SUAREZ, Rosana. *Nietzsche comediante*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.